

# MANDE PARA O **SMITHSONIAN!**

A história de uma curiosa herança  
que deu origem  
a uma instituição nacional americana.

RALPH KINNEY BENNETT

**A** LUZ cinzenta de um frio dia de dezembro, em 1903, Alexander Graham Bell olhou para dentro de uma sepultura aberta no Cemitério Inglês de Gênova, na Itália. No fundo daquele túmulo de paredes revestidas de tijolo, o mundialmente famoso inventor do telefone entreviu um esqueleto de ossos escurecidos pela fina poeira avermelhada daquilo que fora um caixão de madeira.

James Smithson, obscuro cientista autodenominado «cidadão da humanidade», que havia percorrido o continente europeu e concebido uma forma estranha de alcançar a imortalidade antes de sua morte, em 1829, estava iniciando sua última viagem a um país onde nunca havia estado.

Enquanto os operários retiravam cuidadosamente os ossos da tumba

para serem colocados numa urna de metal, William Bishop, cônsul dos EUA em Gênova, posou para a máquina fotográfica da Sra. Bell com o crânio perfeitamente intato de Smithsonian nas mãos.

Hoje, seus ossos repousam sob o elaborado sarcófago de mármore que dignificava sua tumba na Itália, só que, agora, posto numa câmara perto da porta principal do castelo de arenito vermelho repleto de torres que constitui o centro de um vasto complexo de museus, bibliotecas, galerias de arte e instalações de pesquisa que levam seu nome, a Smithsonian Institution (Instituto Smithsoniano), nos Estados Unidos.

Todos os anos, milhões de visitantes de todo o mundo se deslocam a esse local para passear por entre uma mistura espantosa e eclética de obje-



O «Castelo» da  
Smithsonian Institution.

## Visita ao Smithsonian

Nestas páginas  
encontra-se uma  
pequena amostra  
dos tesouros  
das coleções  
da Smithsonian  
Institution,  
distribuídas  
por vários locais.



Roupa de índio  
americano, século XI.



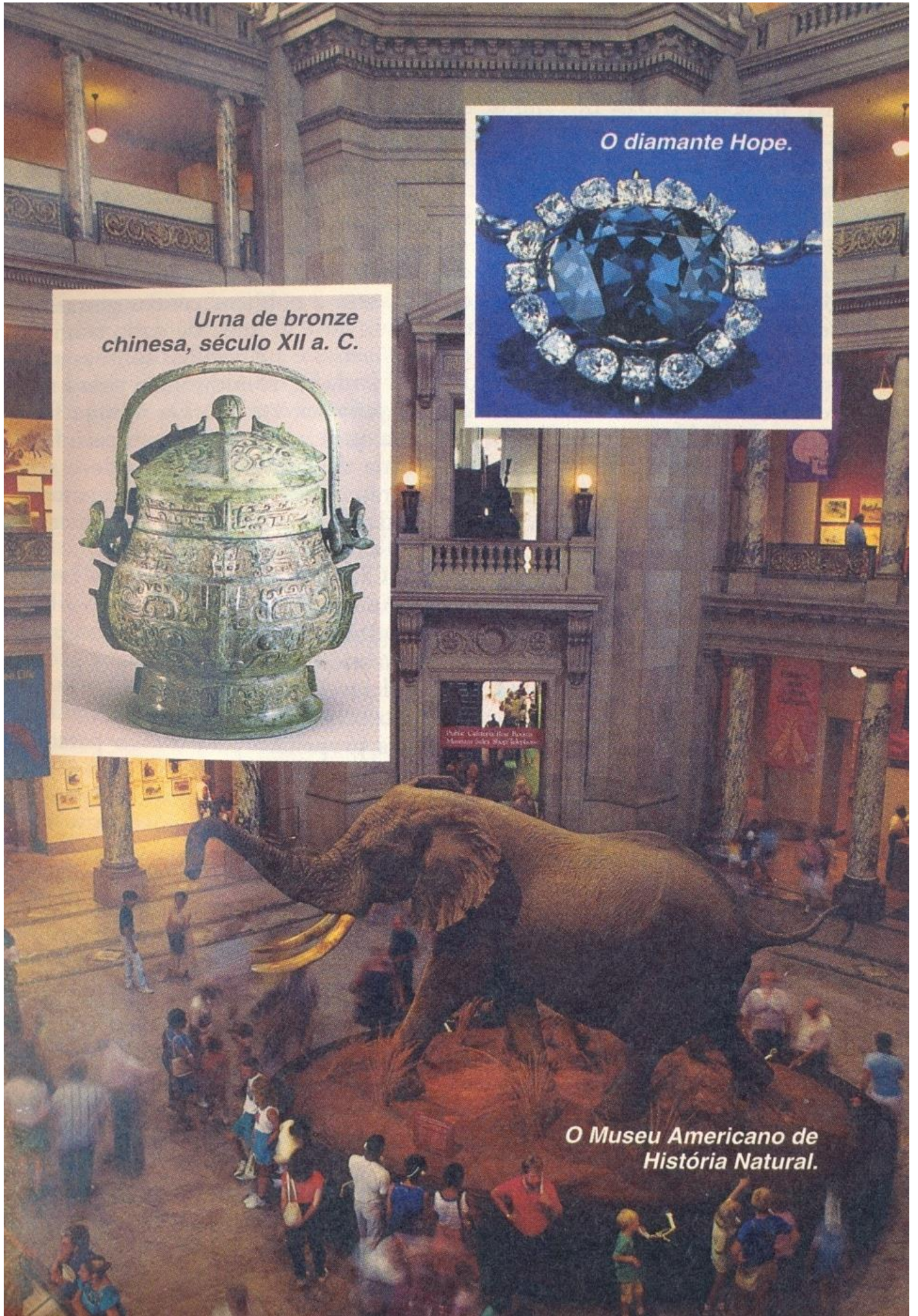
*Urna de bronze  
chinesa, século XII a. C.*



*O diamante Hope.*



*O Museu Americano de  
História Natural.*





tos: máscaras tribais dos ligbis, da Costa do Marfim; um dos uniformes de gala de George Washington; bronzes chineses antigos e pinturas de vanguarda; pontas de seta de sílex de 10 000 anos de idade encontradas no Wyoming; a bengala de Benjamin Franklin; o balcão onde se serviam almoços no Woolworth e onde tiveram lugar alguns dos primeiros movimentos em prol dos direitos civis, no início dos anos 60; as ogivas múltiplas de um míssil soviético SS-20; o Spirit of St. Louis, avião de Charles Lindbergh; o protótipo de madeira, de aspecto algtosco, do primeiro computador pessoal Apple.

O «império» smithsoniano, a maior parte do qual se estende pela grande avenida entre o monumento a Washington e o Capitólio, em Washington, não tem paralelo em todo o mundo, mas os objetos que exhibe, por muito curiosos, raros ou espetaculares que sejam, mais não são que a ponta de um enorme iceberg intelectual, científico e cultural. Escondidos dos olhos do público, em laboratórios e escritórios apinhados, sábios e voluntários do Smithsonian vivem ocupados com a restauração e preservação de livros raros, classificação de lepidópteros, seguindo a trajetória de asteróides, juntando peças de objetos de cerâmica antigos e analisando as coleções de selos que lhe foram doadas, para identificar possíveis acréscimos ao acervo do instituto.

Algumas das inacreditáveis coleções do Smithsonian (que contam

com mais de 140 milhões de exemplares e não param de crescer todos os dias) encontram-se localizadas em diversas instalações por todo o país. Há muito tempo que o instituto é conhecido como «sótão nacional».

Cientistas e sábios, advogados vibrantes e políticos céticos gastaram mais de 150 anos de subterfúgios, conversas e até batalhas sobre o que, na verdade, o Smithsonian viria a ser, deveria ser, era e é. Da mesma forma que ele deve sua existência à fortuna de James Smithson, deve seu caráter extremamente abrangente à redação vaga do último testamento dessa personagem.

O misterioso benfeitor do instituto nasceu em 1765, sendo filho ilegítimo de uma teimosa viúva e de um rico nobre inglês. A fortuna considerável que herdou de sua mãe foi tão bem investida que nem mesmo sua propensão para o jogo pareceu diminuí-la.

Mas ele era um homem frustrado. O fato de ser ilegítimo cortava-lhe qualquer esperança de seguir uma carreira militar, eclesiástica, política ou na administração pública.

Talvez tenha sido o peso disso que o levou a declarar que, de alguma forma, seu nome iria «viver na memória dos homens», talvez a melhor explicação dada por ele para o fato de seu testamento, redigido de próprio punho em 1826, especificar que, se seu único sobrinho morresse sem herdeiros, toda a sua fortuna deveria ir para os EUA, para ali ser empregada na fundação, em Washington, «da Smithsonian Institution,



um instituto dedicado a aumentar e a difundir os conhecimentos entre os homens».

Quando, em 1835, o sobrinho de Smithson morreu sem deixar filhos, o cônsul dos EUA em Londres tomou conhecimento do testamento e ficou estupefato. Smithson nunca tinha visitado os Estados Unidos nem, segundo tudo indicativa, tivera contatos com alguém de lá. Sua biblioteca e papéis pessoais mostravam que nem demonstrava grande interesse por essa nação. Algumas pessoas chegaram até a questionar se a América deveria mesmo receber aquela importante doação. O senador William Preston, da Carolina do Sul, falou depreciativamente do dinheiro de Smithson, afirmando ser «uma forma demasiado barata de obter a imortalidade».

Depois de percorrer os tribunais ingleses, os Estados Unidos acabaram por conseguir a fortuna de Smithson em 1838 — soberanos ingleses de ouro entregues em 105 sacos. Estes foram derretidos na casa da moeda de Filadélfia, tendo sido cunhados como moeda dos EUA e entregues ao Ministério das Finanças, em Washington, sob a forma da quantia de 508 318,46 dólares americanos, uma fortuna descomunal numa época em que o ordenado *anual* de um trabalhador rondava os 300 dólares.

Por essa altura, já o Congresso se tinha lançado num animado debate sobre a melhor forma de satisfazer o desejo de Smithson de «aumentar e difundir os conhecimentos entre os homens». Os eleitores insistiam

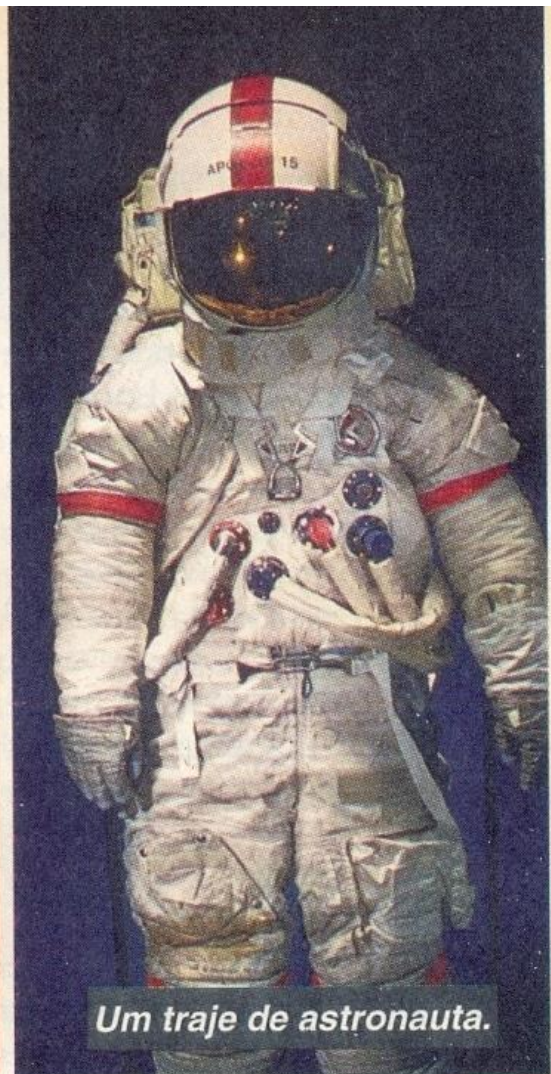
junto dos congressistas que gastassem o dinheiro em bibliotecas, escolas agrícolas, numa universidade nacional e em institutos para o ensino «das artes úteis», mas o ex-presidente John Quincy Adams, que presidia ao comitê que tinha a seu cargo a doação, insistia para que «não fosse excluído nenhum ramo ou área do conhecimento humano da parte equitativa que lhe competia nessa obra benemerente».

O conflito continuou ao longo de oito anos. A dada altura, um Adams desesperado afirmou que «preferia mandar atirar o dinheiro no rio Potomac» a perfilhar o esquema particularmente limitativo que se tinha sugerido. Mas, por essa época, o dinheiro que havia para atirar ao rio já era muito pouco: o Ministério da Fazenda havia investido todo o legado em títulos do Tesouro, que davam juros; só que a maior parte deles havia deixado de produzir renda. Adams convenceu o Congresso a se apropriar de um montante de valor igual ao da quantia original, acrescido dos juros perdidos.

No dia 10 de agosto de 1846, o presidente James K. Polk assinou o decreto que criava a Smithsonian Institution. Esse texto estipulava que parte do rendimento anual de 30 000 dólares, proveniente do dinheiro de Smithson, deveria ser utilizada para construir um edifício de «materiais simples e duráveis» em terrenos públicos do Distrito de Colúmbia. A construção deveria abrigar uma biblioteca «constituída por obras de valor, relativas a todas as áreas do co-



*A bandeira dos EUA,  
no Museu Nacional  
de História Americana.*



*Um traje de astronauta.*



*Os sapatinhos de rubi de  
«O Mágico de Oz».*





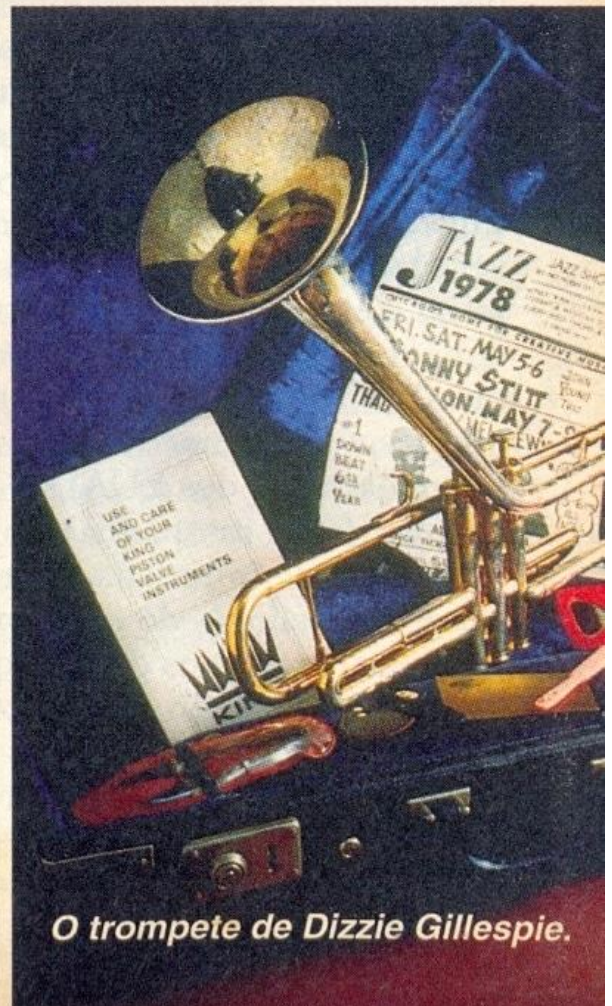
O Museu Nacional do Ar e do Espaço.



O Tucker Sedan de 1948.



As lancheiras  
década de 1960.



O trompete de Dizzie Gillespie.



nhecimento humano», e deveria igualmente ter espaço para «todos os objetos curiosos ou estranhos de pesquisa e todos os objetos da história natural», que se tinham começado a acumular em Washington.

A frase «Mande para o Smithsonian» logo ecoou por toda a nação. Todo mundo, desde aborrecidos oficiais de cavalaria em campanhas contra indígenas até inspetores de estradas de ferro e mineiros da corrida do ouro, se transformou em voluntários ou em recrutas *ad hoc*, produzindo uma corrente infindável de «descobertas» para as coleções de história natural em constante crescimento. Em determinado momento, cerca de 1000 «missionários» recolhiam objetos para a instituição. Em 1858, o Congresso apropriou fundos para um museu nacional, a ser criado sob a alçada do Smithsonian.

A corrente de presentes, empréstimos e aquisições continuou ininterrupta até hoje, traduzindo-se no festim de objetos que o público pode ver, desde os mais excêntricos (marmitas de almoço para crianças, enfeitadas com personagens de desenhos animados e da televisão) até os que inspiram maior respeito (a primeira bandeira dos EUA).

Crachás de campanhas políticas, figurinhas de porcelana, cartões de beisebol, catálogos de máquinas-feramentas, os sapatos de rubi que Judy Garland usou no filme *O Mágico de Oz*, anúncios de jornais e de revistas, os registros do inventor dos produtos da marca Tupperware, Earl S. Tupper — as coisas não param de

chegar. O Smithsonian tem não só o fabuloso diamante Hope, de 45,5 quilates, um presente do joalheiro Harry Winston, de Nova York, mas também a embalagem de papel pardo em que este o enviou de Nova York pelo correio (pagando pelo porte 145,29 dólares). «A regra geral é que nunca se sabe quando uma coisa se pode tornar útil para um historiador, para um pesquisador ou para um entusiasta», esclarece Pamela Henson, da divisão da história institucional do Smithsonian.

Além de colecionar objetos materiais, o instituto também é um bom acervo de gente excêntrica e deliciosa — do seu primeiro porteiro, Joseph Herron, que preferia trabalhar nu, até o famoso entomologista Harrison Dyar, que entrou para o Smithsonian em 1897. Quando não estava ocupado classificando insetos, Dyar mantinha duas casas distintas, duas mulheres e dois conjuntos de filhos, sem que uns tivessem conhecimento dos outros. Mas essa vida secreta não chegava para o belo e severo Dyar.

Certo dia, enquanto escavava um canteiro, ficou tão maravilhado com a sensação boa da terra que não parou mais de fazê-lo, transformando-se num cavador compulsivo de túneis. Trabalhando de noite e nos fins de semana, acabou por criar complexos de túneis por baixo de suas duas casas. Revestiu as paredes e os tetos de tijolos e argamassa, ergueu esculturas por cima das entradas e pintou inscrições nos arcos.

Em 1924, um caminhão fez ruir



uma das passagens subterrâneas, dando início às especulações de que os túneis tinham sido um esconderijo secreto para soldados confederados durante a Guerra Civil, ou obra de espíões alemães durante a Primeira Guerra Mundial ou armazéns para contrabandistas de bebidas alcoólicas. Finalmente, Dyar acabou por dar a conhecer seu estranho passatempo. Quando sua bigamia foi descoberta, insistiu que os túneis eram labirintos que não conduziam a parte alguma, e não passagens que ligavam suas duas casas.

**Q**UANDO Alexander Graham Bell, na qualidade de membro do Conselho de Diretores da Smithsonian Institution, entregou os restos de James Smithson no castelo da instituição, no dia 25 de janeiro de 1904, tinha cumprido uma missão de grande importância pessoal. Os restos «deste grande benfeitor dos Estados Unidos», dizia ele, encontravam-se agora onde deviam estar.

Setenta anos mais tarde, em 1973, a ossada de James Smithson voltou a ser manipulada. A sala da cripta estava sendo restaurada e limpa, por causa dos preparativos para o aniversário do bicentenário da nação, e, bem, os antropólogos do Smithsonian não resistiram a dar-lhes uma

espiada. Segundo comunicaram, o esqueleto «parecia ser o de um indivíduo branco, do sexo masculino, que tinha morrido entre os 50 e os 65 anos de idade» e que era «umas tantas polegadas mais baixo que o americano atual médio e um pouco menor que o inglês médio de classe alta de finais do século XVIII. Era de constituição magra, mas atlética, com um tronco longo, caixa torácica grande e braços e mãos poderosos. Tinha os dentes desgastados do lado esquerdo por prender ali seu cachimbo.» Além disso, informaram igualmente que «determinadas peculiaridades do dedo mindinho da mão direita levavam a crer que ele poderia ter tocado cravo, piano ou algum instrumento de cordas, como um violino».

Se, por acaso, rondava pela cripta naquele dia, o espírito de James Smithson deve ter sorrido dos esforços dos antropólogos para aumentarem os conhecimentos sobre ele e para difundi-los. Embora sua vida se mantenha parcialmente envolvida em mistério, este verão, quando o Smithsonian celebrar seus 150 anos de vida, o fruto amplo e variado de seu presente magnífico e promissor está por toda a parte, para todo mundo ver. Não há dúvida: seu nome perdura.

FOTOS: PÁGINA 44, EM CIMA, © DE REGIS LEFEBURE/FOLIO; PÁGINA 45 (FUNDO), © DE EVERETT C. JOHNSON/FOLIO; PÁGINA 49, EM CIMA, © DE PIOTRI; RESTANTES, SMITHSONIAN INSTITUTION

## ***Pura gula***

SE VOCÊ se encontrar em frente da geladeira se interrogando se tem fome, é porque não tem.

— Morris Mandel, *The Jewish Press*